



L.J. SHEN

Belas Sombras

*No jogo sombrio do destino,
amar demais pode ser perigoso...*

L.J. SHEN

TRADUÇÃO LUCIANA DIAS

Belas Sombras

*No jogo sombrio do destino,
amar demais pode ser perigoso...*

 FARO
EDITORIAL

PRÓLOGO

NÃO FOI ASSIM QUE EU IMAGINEI ENTRAR NESSA IGREJA.

Usando roupas pretas, e sustentando olheiras profundas e lábios rachados.

A única coisa revirando no meu estômago agora é uma xícara morna de café que tomei de um gole só para empurrar o calmante para dentro.

Apesar de todos que eu conheço estarem aqui, me apoiando, sei que não importa. O problema das tragédias é que nunca se supera a Grande Solidão. Em algum momento, ela te alcança. No meio da noite. Quando se está tomando um banho rápido. Ao rolar na cama e o lençol estar passado e intocado onde seu amado deveria estar.

Os grandes momentos na sua vida são sempre vivenciados em isolamento.

Só que não estou pronta para me despedir.

— Não precisa ficar para o enterro — diz meu pai, prático e direto ao ponto. Enquanto passamos pelas pessoas, mantenho meu olhar fixo nas portas da igreja, recusando contato visual. — Eles vão entender. Você está enfrentando um pesadelo agora.

Talvez seja errado não me importar com o que as pessoas pensam, mas realmente não me importo. Não vou estar aqui quando o caixão for colocado na terra. Vou embora muito antes de todo mundo desabar. Antes de se tornar real. Talvez isso faça de mim uma covarde, mas simplesmente não vou aguentar outra despedida prematura.

— Aposto que ele vai ter uma bela lápide. — Ouço minha própria voz. Ela sai da boca do meu estômago, como bile. — Tudo nele é lindo.

— *Era* — uma voz atrás de mim me corrige.

Não preciso me virar para saber a quem pertence.

É o homem que tem o outro pedaço do meu coração.

E isso basta, chego ao meu limite. A meio metro das portas da igreja, caio de joelhos, abaixo a cabeça e começo a chorar. Enlutados à minha volta murmuram

em voz baixa. *Pobrezinha; Não é a primeira tragédia que enfrenta; O que ela vai fazer agora?*

Eles têm razão. Não tenho ideia do que vou fazer. Porque mesmo nos melhores momentos, sempre estive dividida.

Entre o homem que estou prestes a enterrar.

E o homem parado atrás de mim.



PARTE 1



UM

Dezoito.

TUDO COMEÇA COM UM GESTO OUSADO, UMA TENTATIVA INSENSÍVEL DA minha melhor amiga de chamar a atenção de um sujeito qualquer.

— Você está se matando, cara.

Pippa estende a mão para pegar o cigarro da boca dele. Ela o tira dos lábios dele e o parte em dois.

Não tem nem uma hora que chegamos em Barcelona e ela já está buscando maneiras criativas de fazer com que nós duas acabemos mortas.

— Pronto. De nada. Acabei de te salvar de um câncer. — Com uma jogada de cabelo, ela desliza pelas portas de correr de uma farmácia, deixando o cara lá parado.

— Desculpe. Esquecemos de colocar a educação dela na mala — murmuro para o fumante na calçada depois de arrancar meus fones de ouvido.

É isso o que fazemos, Pippa e eu. Ela atea fogo; eu apago. Ela é sexy e provocadora; eu sou tão pouco emotiva quanto uma estátua de gelo em um casamento da realeza. Ela poderia conquistar um poste, e eu... bem, ainda suspeito que eu possa ser assexual, apesar de (ou talvez *por causa* de?) ter perdido minha virgindade há alguns meses.

Pippa e eu temos história. Nós nos conhecemos no primeiro dia do jardim de infância e brigamos pelo mesmo cubo de encaixe (com o qual, reza a lenda, ela bateu na minha cabeça). Somos inseparáveis desde então.

Eu sou a garota macabra e gótica de coturno em oposição à sua personalidade luminosa, tipo uma Ariana Grande colorida.

Fomos para a mesma escola no ensino fundamental, no ensino médio e para as mesmas colônias de férias.

Agora, Pippa e eu estamos matriculadas na Universidade de Berkeley.

Foi ideia da Pippa vir para a Espanha por duas semanas. Uma última farra antes de começarmos a faculdade. Ela é meio-espanhola pelo lado da mãe, e uma das suas tias, Alma, mora em Barcelona, o que significa um lugar de graça para nós ficarmos.

— Vamos criar uma nova regra. — Ajeito minha mochila por cima de um dos ombros enquanto passamos embaixo da placa verde e brilhante escrita FARMÁCIA: 24 HORAS. — Chega de irritar os moradores. Se você se meter em uma briga de rua, vou passar direto e fingir que não te conheço.

Isso é mentira. Eu levaria um tiro por ela. É só que eu realmente prefiro não ter que fazer isso.

— Ah, para! — Pippa bufa, pegando uma cesta verde no caminho da seção de higiene pessoal. — A gente tem duas semanas para fazer todas as loucuras possíveis antes de voltarmos à realidade. A faculdade é uma coisa séria, Lawson. Agora é a hora de se meter em uma briga de rua. Ainda mais com um cara gostoso daquele.

Ela joga xampu, condicionador, pasta de dentes e duas escovas de dentes na nossa cesta. Acrescento Tylenol, filtro solar e hidratante. Nenhuma de nós duas quis trazer nada que pudesse vazar nas malas.

Pippa para no meio do corredor de produtos de barbear.

— Acha que vendem pílula do dia seguinte sem receita médica aqui?

— Por quê? Está planejando fazer sexo sem camisinha com um desconhecido? — pergunto.

— Curiosa você, hein? Não falei nada sobre *tomar* a pílula. — Ela encolhe os ombros, depois pega a minha mão e me puxa para o próximo corredor. Eu sei que nossa voz está com cerca de cinco decibéis a mais do que qualquer um na farmácia. E ela não está vazia. Há um casal idoso falando com o farmacêutico, uma grávida apertando os olhos para um vidro de laxante e um monte de caras de uniformes de futebol dando uma olhada em pomadas para coceira na virilha.

Ela para no corredor que chamamos de Hora Sexy. Pippa passa uma unha pontuda com chamas desenhadas nas pontas em vários produtos.

— Não se esqueça de comprar camisinha. — Roo o esmalte preto da minha unha, desesperada para sair dali. Quero me jogar no chuveiro da tia dela e me limpar do voo de doze horas, depois relaxar. — Sabe, caso mude de ideia de levar clamídia para casa como lembrancinha.

— Clamídia é uma lembrancinha horrível. — Pippa desvia o olhar para mim, sorrindo. — Precisamos de uma lembrancinha *de verdade*. Vamos fazer uma tatuagem aqui.

— Você vai fazer uma tatuagem aqui — corrijo. — Eu não.

— Por quê? Você com certeza não tem medo de agulha. — Ela olha para o meu piercing no septo e ergue uma sobrancelha.

Eu o enfio dentro do nariz.

— Piercing tudo bem. Tatuagens precisam de fidelidade, e eu não sou fiel. Preciso te lembrar? Eu não sou fiel nem a um cereal.

— Você é fiel a um cereal, sim — bufa ela. — As bolinhas de chocolate.

— Mesmo sendo tão apaixonada por bolinhas de chocolate, estou sempre disposta a me atracar com um pote de flocos de milho ou aquele outro de frutas.

— Aquele de frutas... — Ela encolhe os ombros. — Às vezes acho que você é um caso perdido. Seja como for, você tem que fazer uma tatuagem. Sua mãe vai ficar orgulhosa demais se você fizer.

— Vou arcar com as consequências de decepcionar ela.

Pippa tem toda razão. Bárbara “Barbie” Lawson ficaria eufórica se eu contasse que estava fechando o braço com tatuagens. Ela mesma tinha tatuado a maior parte das costas, das panturrilhas e dos pulsos. Citações que ela admirava. *Tatuagens são como colocar papel de parede em uma casa com uma pintura comum*, ela sempre dizia.

Nascida em Liverpool, Inglaterra, minha mãe fugiu para São Francisco quando tinha dezesseis anos. Ela não é uma mãe típica. Por isso eu a amo não somente como mãe, mas também como pessoa.

— Ever. — Pippa bate o pé no chão com força. Everlynne é o meu nome. Mas vamos falar a verdade: a vida é muito curta, embora meu apelido queira dizer “sempre”. — Vamos lá.

Uso meus dois dedos indicadores para fazer o sinal da cruz, como se ela fosse uma vampira.

— Ai, está bem! — Pippa joga os braços para o ar e pega um pacote de camisinhas. — Sem tatuagens, mas vou levar você para o mau caminho. Estou ensaiando uma intervenção. Everlynne Bellatrix Lawson, você tem sido uma garota muito, muito má. E por má, eu quero dizer boa. Muito boa. Boazinha de *dar nos nervos*. Somos da Geração Z! Foder com tudo está no nosso DNA, tá? Crescemos com as redes sociais e as irmãs Kardashian.

— Estou fodendo bastante com tudo sem foder com ninguém — retruquei, embora nós duas soubéssemos que isso não era verdade. No que diz respeito a atos rebeldes, eu sou agressivamente entediante.

— Eu deixo o negócio da tatuagem de lado se você me prometer usar uma dessas belezinhas aqui na nossa viagem de duas semanas.

Ela estava apontando para as camisinhas. Estou a ponto de explodir em minúsculos pedacinhos de constrangimento. A única coisa que me impede é que eu odiaria fazer uma bagunça aqui além de causar uma cena.

Ouvimos uma risada vinda do corredor do nosso lado. Temos plateia.

Iupi! Viva!

— Eu *não* sou virgem! — Arranco as camisinhas da mão dela e jogo bem no fundo da cesta, embaixo dos absorventes internos e da pasta de dente.

— Bem, foi com o Sean Dunham, então nem conta — brinca Pippa.

Um ronco de uma risada flutua na nossa direção, mas não consigo ver a pessoa porque há uma parede de pacotes de camisinha no caminho. Falar inglês é um saco mesmo. Não importa onde no mundo você esteja, todo mundo sabe o que você está falando.

— Ei! Nós fomos até o fim.

— Tá mais para se arrastaram até lá. Foi tão decepcionante. E você terminou com ele meio segundo depois — rebate Pippa.

Exato. Perturbadoramente exato. Não tenho como contestar isso.

— E se eu não gostar de ninguém? — Cruzo os braços.

— Você nunca gosta — suspira ela. — Não estou achando que você vai se apaixonar aqui. É só pelo prazer.

A pessoa do outro lado do corredor está gargalhando sem parar agora. A voz definitivamente pertence a um homem. Baixa e rouca.

Quer manteiga na sua pipoca, cara?

— Precisa aprender como jogar, Ever. Essa é a sua tarefa para essa viagem. Encontrar prazer com um estranho total. Sem consequências. Sem relacionamento. Só uma ficada num país estrangeiro.

Com certeza a pessoa do outro lado do corredor já tinha ouvido o suficiente sobre minha vida sexual (ou a falta dela), e me viro para Pippa com um olhar fulminante.

— Não vou transar com um estranho.

— Você vai, sim.

— Não vou, não.

— Então vou ter que encher o seu saco para fazer uma tatuagem comigo. Cansada das suas zoações, solto um gemido de frustração.

— Tanto faz. Vou usar uma. Vai pegar umas besteiras de comer. Preciso fazer uma ligação.

— Se for ligar para a Barbie pedindo apoio moral, nem se dê ao trabalho. Ela vai ficar do meu lado, e você sabe disso. — Pippa sai dando pulinhos como uma fada, deixando um rastro de risadinhas enquanto se afasta.

Pego meu telefone na mochila e espero que as barrinhas de sinal apareçam.

Ligo para a minha mãe. Ela atende no primeiro toque, embora sejam altas horas na Califórnia.

— Ever! — murmura ela. — Como está em Barcelona?

— Estou aqui há menos de uma hora e Pippa já tentou brigar com um homem, comprou camisinhas e tentou me convencer a fazer uma tatuagem.

— E imagino que você esteja horrorizada com tudo isso? — Sinto um sorriso na voz da minha mãe.

— Nossa, mãe, parece até que a gente já se conhece.

— Bem, então. Tudo isso é normal na terra de Pipper. — *Pippa + Ever*. Eu adoro que ela nos deu um nome para shippar. Barbie Lawson é a mãe mais legal que já existiu.

— Já estou com saudades. — Enterro meus dentes no lábio inferior.

— Na verdade — ela dá uma risada —, eu só estou acordada até agora porque eu estava olhando um álbum antigo de fotos suas. Não consigo acreditar que meu bebê está do outro lado do oceano, na Europa, em uma viagem com a amiga.

Ui. Não vou chorar no corredor da Hora Sexy. Não vou.

— É, nem eu. Tenho que ir agora, mãe. Eu te amo.

— Eu também, mais do que tudo no mundo.

Desligo a chamada e estou prestes a enfiar o telefone no bolso de trás.

Uma sombra paira sobre mim, bloqueando a passagem. Olho para cima. É o Cara Fumante da rua. Pippa está certa. Ele é meio gostoso. De uma maneira que não é óbvia. Ele parece feito sob medida para o meu gosto. Desenhado com traços acentuados de carvão, como um personagem de mangá. Ele é alto, mais atraente do que a maioria, e magro. Sua postura parece a de um girassol murcho. Cabeça abaixada, como se ele estivesse lutando para escutar as pessoas de estatura normal. Ele tem olhos azul-escuros, um queixo quadrado e um nariz que é um pouco pontudo e longo demais. O formato comum do seu nariz dá às suas feições perfeitas mais espaço para brilhar. É o golpe de gênio final da natureza, fazendo com que ele seja tanto bonito quanto acessível.

— Balões d'água — ele fala sem expressão, com um sotaque americano.

— Hum, o quê?

Ele inclina a cabeça na direção da prateleira de camisinhas. Certo. A exigência louca da Pippa de que use pelo menos uma.

— Encha de água e exploda na cabeça dela.

— Isso é horrível — eu digo.

— Horrível? Não. Justo? Sim.

— Não posso fazer balões d'água. — Tiro o piercing do septo de dentro do nariz. — Isso não vale.

Quero que ele veja o piercing. Não tenho certeza do *motivo* pelo qual quero que ele veja. Talvez porque esteja usando uma calça jeans surrada dobrada nos

tornozelos e tênis gastos. Ou talvez porque seu cabelo escuro despenteado e sua camiseta *Clube dos antissociais: candidatos não precisam se candidatar* me atraíam, da mesma maneira como um estranho lendo seu livro preferido no trem.

— Não tinha percebido que precisávamos manter altos padrões de moral aqui. — O rosto dele se desmancha em um sorriso confuso. Alguma coisa dentro de mim se derrete. É quente, e viscoso, e se aloja no meu estômago. *Meu deus*. Não é de se admirar que Pippa seja obcecada com homens. É como andar em uma montanha-russa enorme depois de se empanturrar de burritos.

De repente presto muita atenção nos meus braços. Eles sempre foram tão compridos? Pesados? Desajeitados assim?

— Você estava ouvindo a nossa conversa? — pergunto, tentando me ver através dos olhos dele. Com minha saia escocesa e meu cabelo brutalmente laranja. A cor rivaliza com a de uma folha de outono perfeitamente queimada. Mas, como ruivos são menos de dois por cento de toda a população mundial, eu não quero tingir.

Ele levanta o braço, gesticulando para um pacotinho na mão.

— Vim comprar isso.

— *Lápis de boca?* — Ergo uma sobranceira. — Para combinar com seus cílios postiços?

Vejo um toque obscuro por trás do seu sorriso, e aquilo me incita a me aproximar, espiar mais.

— Está bem. — Ele encolhe os ombros. — Eu entrei para dizer umas verdades para a sua amiga, mas fiquei pela diversão. Me julgue.

— Me desculpe. — Dou uma risada. — Pippa é legal, sabe. De uma maneira “às vezes quero tapar sua boca com fita adesiva reforçada, mas sempre vou te amar”.

— Então tá, né?

— É sério. De verdade. Pode confiar. Ela é minha melhor amiga.

Em algum lugar no fundo da minha cabeça reconheço que meu comportamento está bem estranho hoje. Mas eu quero continuar com essa conversa.

— Vocês duas são diferentes.

— Por quê? Porque ela é a Senhorita Popular, e eu sou gótica?

— É — diz ele categoricamente.

Esse cara é um rebelde de verdade. Raiz. Não como eu e meu piercing de septo esteticamente bonito.

Então ele diz:

— Pessoas-padrão não são revolucionárias. Nada de bom vem delas. A média equivale a conforto.

— Tem um elogio escondido em algum lugar dessa frase? — Semicerrou os olhos.

Ele curva os lábios ligeiramente para cima. Eu me sinto leve de repente. Como se eu pudesse flutuar como um balão se ele continuar me dando essa atenção viciante.

— Você quer que tenha?

Acho, apesar do seu tom indiferente, que ele não está tão desinteressado quanto quer que eu acredite que esteja. Meu coração dá um golpe direto no meu peito. Mas, como a esperança é a grande receita para se dar mal, tento examinar por todos os ângulos. Talvez ele esteja aqui pela minha amiga glamorosa e excêntrica, e logo vai me deixar com um dos seus camaradas enquanto paquera Pippa. Já passei noites incontáveis em conversas estranhas com caras aleatórios enquanto Pippa flertava sem parar. Isso normalmente não me perturba, mas, dessa vez, eu sei que vai doer se ele a quiser.

— O que está escutando? — Ele muda de assunto, fazendo um gesto com o queixo na direção dos fones de ouvido pendurados por cima dos meus ombros, bem na hora em que eu pergunto...

— Então você está aqui de férias ou...?

Nós dois rimos. Eu respondo primeiro.

— A melhor música que já foi gravada no mundo inteiro.

— *Never Gonna Give You Up*, do Rick Astley? — Os olhos dele se arregalam de um jeito cômico.

Mais gargalhadas.

— Não, mas você está na década certa.

— Desafio aceito. — Ele esfrega a palma das mãos. Posso ver que isso despertou seu interesse. — Vamos ver. — Ele me dá uma olhada geral e lenta, me analisando, como se a resposta estivesse escrita na minha blusa. — Vou tentar *Where Is My Mind?*, dos Pixies.

— Errou feio, meu amigo. — Viro o telefone para lhe mostrar o aplicativo de música ainda aberto na minha tela. — *Save a Prayer*, do Duran Duran.

— Caralho. Essa é uma música muito boa mesmo.

— A preferida da minha mãe. — Meu sorriso parece que vai rachar meu rosto ao meio.

— Sua vez. — Ele levanta o telefone no ar, depois rola a tela e escolhe uma música. — O que estou ouvindo agora?

— Me dê uma década.

— Noventa.

— Isso não facilita quase nada. — Eu me apoio em uma fileira de lubrificantes. — Quero te dar crédito por escutar alguma coisa que *não* seja *Smells Like Teen Spirit*.

— Ora, obrigado pela confiança. Uma pista: Inglaterra. — Ele sorri.

Franzo a testa, pensando.

— *Don't Look Back in Anger*, do Oasis.

— Resposta final?

Hesitante, confirmo com a cabeça.

— Sim.

Ele vira o telefone e vejo que eu estava certa. *Uau*. Caramba. Será que acabei de encontrar a versão masculina de mim mesma?

— Como você fez isso? — pergunta ele, me olhando de uma forma diferente. Como se eu tivesse passado em algum tipo de teste.

— Pelo poder da dedução. Em uma guerra entre Blur e Oasis, você *definitivamente* escolheria a banda da classe trabalhadora. E também aquele solo de guitarra.

— Só acho engraçado encontrar uma outra americana anglófila... na *Espanha*.

— Minha mãe é inglesa. Qual a sua desculpa?

— Não tenho. — Ele encolhe os ombros. — Às vezes você simplesmente nasceu no lugar errado. E na década. E na era.

— Pura verdade — eu me ouço dizer. — Agora é sua vez de responder a minha pergunta.

O rosto dele me fascina. É como se eu nunca tivesse visto um ser humano antes. Esse não é um comportamento normal de Everlynne. Normalmente, quando encontro outra pessoa, eu conto os minutos até poder me despedir dela. Não é que eu odeie as pessoas. Até gosto de algumas. Mas prefiro passar meu tempo com meus bichos, minhas músicas e meus livros cuidadosamente selecionados. Esses três raramente me decepcionam.

— Eu... — o Cara Fumante começa, mas Pippa invade nossa conversa, balançando duas sacolas plásticas nas mãos.

— Aqui. Comprei um montão de chocolate. Estou ficando de TPM. Você está ficando de TPM? Desde que os nossos ciclos começaram a sincronizar, eu acho que eu... — Ela para quando repara no Cara Fumante (qual o nome dele, afinal?). Fico mais uma vez mortificada de que agora ele não só sabe da minha história sexual inteira mas também tudo sobre o meu ciclo menstrual.

— ... Oi? — Ela inclina a cabeça, confusa.

Ele enfia a mão dentro do saco plástico, pega uma barra de chocolate, rasga a embalagem e come tudo em uma só mordida.

— Oi, ladra de cigarros.

Pippa fica boquiaberta.

— O que *mais* você come assim?

— Você não ia querer saber.

— Eu ia, na verdade. — Ela joga para ele seu sorriso sedutor.

Ele dá uma encarada entediada de garoto mau do tipo que convence adolescentes a comprarem cartazes.

Olho de um para o outro, com medo de estar testemunhando um épico momento de alguém se apaixonando.

De repente, percebo que eu não quero mesmo, *mesmo* ouvi-la contar como ele beija. Não quero fazer *ohh* e *ahh* e fingir que estou feliz por ela depois do inevitável acontecer e eles dormirem juntos. Quanto mais eles se encaram, mais suor frio se forma na minha pele. Até se tornar insuportável. O silêncio. A perspectiva de Pippa e o Cara Fumante juntarem os lábios em um canto escuro de uma boate em Barcelona ao som de uma música lenta do Arctic Monkeys enquanto eu travo uma conversa sem sentindo com um dos amigos dele.

O que aconteceu com *pessoas-padrão não são revolucionárias*?

Pippa abre a boca, sem dúvida para flertar com ele. Alguma coisa se apossa de mim. Eu a agarro pelo pulso e a afasto. Ela vem cambaleando atrás de mim, tentando se desvencilhar. Mas estou movida pelo medo e pela determinação.

— O que você está fazendo? — questiona ela. — Ai, ele tem uma energia de pau grande! Vamos voltar.

— Não. — Nos lançamos para fora da farmácia refrigerada, alcançando a avenida de três pistas. — Não vou deixar você cair em tentação e destruir toda a nossa viagem de amigas planejando nossa programação em torno de um cara qualquer.

Pelo visto, essa é a razão para sairmos de repente. Inventei uma explicação do nada, mas já que falei isso, vou sustentar até o fim.

— Ai, meu deus, sua doida. Foi por isso que fez aquilo? — Ela para quando chegamos na esquina, depois afasta minha mão com um tapa. — Achou que *eu* ia dar em cima dele?

Estamos a uma boa distância da farmácia. Paro de repente, olhando em volta.

— Ou ele ia dar em cima de você. Tanto faz. Mesma coisa.

— Bom, azar o seu, Lawson, porque, quando eu disse que ele era bonito, eu quis dizer para *você*. Ele parecia um reflexo da sua alma. Nunca vi nada assim. Vocês sorriam como dois idiotas quando estavam conversando. Eu ia garantir

que vocês pegassem o telefone um do outro. Não é todo dia que minha melhor amiga mostra sinais de vida.

Agora é minha vez de ficar estupefata.

— Foi por isso que você fez aquilo?

Ela bate no meu braço com uma das bolsas de compras.

— Foi, bobona!

— Mas vocês dois estavam se encarando.

— Ele estava me dando um olhar suma-daqui. — Ela ri. — Ele não foi nada sutil também.

Eu quero vomitar. Na verdade, acho que vomitei, um pouco, dentro da boca. Agora mesmo.

— Então por que você *não* sumiu?

— Eu estava tentando fazer com que ele não estragasse tudo.

— Ah, Pippa.

— Não vem com essa de *Ah, Pippa*. Corre lá de volta e dá o seu número para ele!

— Assim? — Pisco, ainda enraizada no chão.

Ela levanta um dos ombros.

— Você pode mostrar seus peitos para ele para um impacto dramático, eu acho.

Corto o ar como uma ave de rapina. Irrompo dentro da farmácia, chico-teando a cabeça de um lado para o outro. Se o Cara Fumante perguntar por que estou aqui, vou dizer que perdi a carteira. Ando pelos corredores. Verifico os banheiros. Até mesmo a cabine de foto. O Cara Fumante não está em nenhum lugar à vista.

O pânico cresce dentro de mim. E se ele já saiu? Ele com certeza não entrou aqui para comprar um lápis de boca mesmo. E se eu o perdi? E se já era? Nunca vou descobrir o nome dele. Onde ele mora. Se ele gosta mais de Guns N' Roses ou de Nirvana (acho bom que ele goste de Guns N' Roses, ou vamos ter muita coisa para esclarecer).

— Ele *fue* atrás de você — o farmacêutico atrás do balcão faz um barulho de *tsk* com um forte sotaque espanhol.

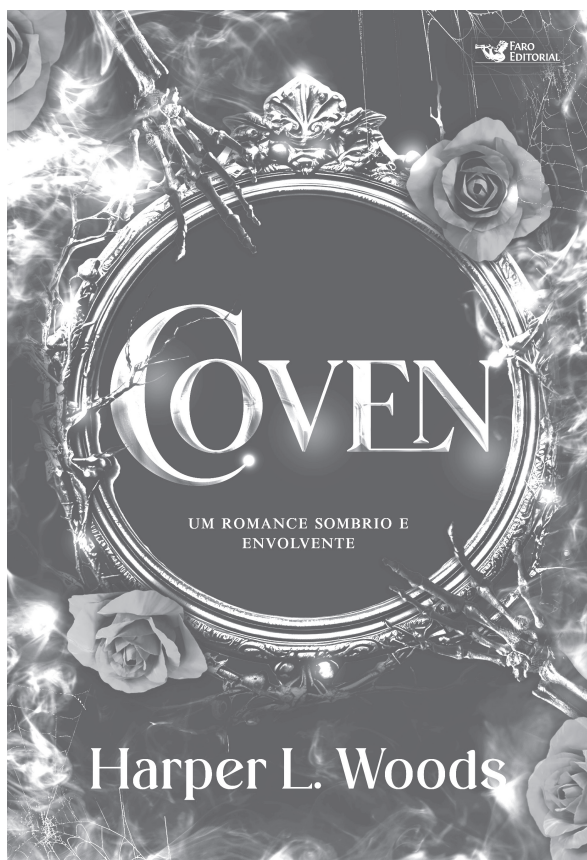
Eu me viro para ele.

— Ele foi?

— Sim, ele foi rápido. — Ele sorri como quem sente muito. — Mas você, *mucho más* rápida.



LEIA TAMBÉM



SCARLETT SCOTT



Duque
Implacável

CONFRARIA DOS CANALHAS • LIVRO 1

FARO
EDITORIAL

LESLIE WOLFE

A CIRURGIÃ

Um suspense
psicológico
totalmente envolvente
que fará você correr
pelas páginas,
até o final.

 FARO
EDITORIAL

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA



FiqueSabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!

FARO EDITORIAL



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM MAIO DE 2024**